

Circunstâncias bíblicas de produção da “Via-Sacra” da igreja Rainha dos Apóstolos em Londrina: uma abordagem genético-estilística


Biblical circumstances of the production of the “Way of the Cross” at the Rainha dos Apóstolos church in Londrina: a genetic-stylistic approach

Circunstancias bíblicas de la realización del “Vía Crucis” en la iglesia Rainha dos Apóstolos, en Londrina: un enfoque genético-estilístico

Bruno Athila Nascimento Silva¹

 0009-0006-4622-3148

Edina Regina Pugas Panichi²

 0000-0002-3887-7946

RESUMO: Neste artigo, apresentamos os resultados de uma investigação realizada nos quadros em madeira da Via Sacra da igreja Rainha dos Apóstolos, em Londrina, Paraná, averiguando as expressões artísticas e linguísticas das obras. Em outros termos, expomos um recorte da análise da história e do eco entre texto bíblico e reprodução artística de uma dessas telas, moldadas em um processo criativo de forte apelo visual e artístico. Em vista disso, foi necessário um estudo preciso e abrangente para trazer à luz todo o seu movimento criador, fundamentando-se na Crítica Genética e na Estilística. A obra artística da Via Sacra é depreendida dos livros dos evangelhos da Bíblia e da tradição apócrifa. Aquilo que é recortado pelo artista será analisado na sua capacidade criadora ao fazer surgir, do cinzel, toda a inspiração com base nos textos sagrados da tradição religiosa, atrelado ao fato de sua arte adornar uma igreja em uma região marcada pela imigração, numa demonstração de trabalho, fé, recomeço e construção. Logo, demonstramos um processo criador feito de arte e história, bem como a transmutação do texto bíblico nos quadros da Via Sacra.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja; Crítica Genética; Transmutação.

ABSTRACT: In this article, we present the results of an investigation carried out on the wooden paintings of the Way of the Cross in the Rainha dos Apóstolos church in Londrina, Paraná, looking at the artistic and linguistic expressions of the works. In other words, we provide an analysis of the history and echo between the biblical text and the artistic

¹ Mestre em Estudos Bíblicos [Teologia Bíblica pela PUG de Roma/IT]. Doutorando em Estudos da Linguagem da UEL. E-mail: brunoniscart@gmail.com

² Doutora em Letras, com Pós-doutorado em Teoria/Crítica Literária. Docente Sênior do Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem da UEL. E-mail: edinapanichi@sercomtel.com.br.

reproduction of one of these canvases, shaped by a creative process with a strong visual and artistic appeal. Given this, it was necessary to carry out a precise and comprehensive study in order to bring to light its entire creative movement based on Genetic Criticism and Stylistics. The artistic work of the Way of the Cross is taken from the books of the biblical gospels and the apocryphal tradition. What is crafted by the artist will be analyzed for its creative capacity in bringing forth, from the chisel, all the inspiration based on the sacred texts of the religious tradition, tied to the fact that his art adorns a church in a region marked by immigration, demonstrating work, faith, renewal, and construction. Therefore, we demonstrate a creative process made of art and history along with the transmutation of the biblical text in the Way of the Cross paintings.

KEYWORDS: Church; Genetic Criticism; Transmutation.

RESUMEN: En este artículo, presentamos los resultados de una investigación realizada sobre las pinturas en madera del Vía Crucis de la iglesia Rainha dos Apóstolos, en Londrina, Paraná, examinando las expresiones artísticas y lingüísticas de las obras. En otras palabras, ofrecemos un análisis de la historia y del eco entre el texto bíblico y la reproducción artística de uno de estos cuadros, moldeados en un proceso creativo de fuerte atractivo visual y artístico. En vista de ello, fue necesario un estudio preciso y amplio para sacar a la luz todo su movimiento creativo, basado en la Crítica Genética y la Estilística. La obra artística del Vía Crucis se extrae de los libros de los Evangelios de la Biblia y de la tradición apócrifa. Lo recortado por el artista se analizará en función de su capacidad creativa para sacar del cincel toda la inspiración basada en los textos sagrados de la tradición religiosa, unida al hecho de que su arte adorna una iglesia en una región marcada por la inmigración, en una demostración de trabajo, fe, nuevos comienzos y construcción. Así, se ha demostrado un proceso creativo compuesto de arte e historia, así como la transmutación del texto bíblico en las pinturas del Vía Crucis.

PALABRAS CLAVE: Iglesia; Crítica genética; Transmutación.

Introdução

A igreja Rainha dos Apóstolos em Londrina, Paraná, é um espaço religioso católico, datado de meados do século XX, e simboliza um presente à cidade por conter um arsenal artístico de altíssimo nível. O templo foi edificado no auge da imigração, no povoamento que viraria um extenso centro econômico da região sul do Brasil e, especialmente, do norte do Paraná. Toda a arte no local, inclusive as estações da Via Sacra, são assinadas pelo escultor alemão Bernard Franz Heise. Por isso, a reflexão sobre sua pessoa e sua técnica revela-se de grande valia, sendo decisivo para a pesquisa.

À vista disso, estudamos a relação entre os textos bíblicos que inspiram a arte barroca com os fundamentos da Estilística e da Crítica Genética. Ao analisar o processo criador, chegamos a um ensaio do conjunto da obra e a uma verdadeira hermenêutica das artes que adornam a referida igreja.

Heise foi um artista discreto e de movimentos pacatos. Quando veio morar no Brasil, estabeleceu-se em São Paulo, onde se tornou referência para muitas igrejas. Os padres palotinos, que tinham se espalhado pelo sul do país, conheciam Heise da Alemanha e, ao tomarem conhecimento de sua estadia no Brasil, e com o projeto da construção de uma igreja semipública para atender aos fiéis de Londrina, pensaram em pedir ao alemão uma ornamentação de toda a igreja.

Isso se deu porque algumas das características de Heise consistiam na agilidade e no estilo barroco, o que pesou bastante para essa escolha. Além das esculturas em si, o artista imprimiu suas ideias sobre a fachada do templo, ao sugerir que esta fosse sóbria e impactasse os fiéis ao adentrarem o recinto.

Para uma análise histórico-crítica de um célebre patrimônio, consideramos o processo criador da arte visual em questão com o auxílio da Crítica Genética e Estilística. Além disso, intentamos demonstrar como se deu o caminho do texto bíblico até o devir da obra artística, bem como os aspectos estilísticos, textuais e genéticos que estão no processo criador da Via Sacra da igreja Rainha dos Apóstolos.

No âmbito dos estudos da linguagem, oferecemos uma abordagem analítica do material produzido na concepção de um dos quadros entalhados que adornam o interior da igreja, adotando, na arte visual, o enredo da teoria genética que, a princípio, se refere ao material textual, mas que pode ser aplicado ao processo criador da arte com base no texto.

Ademais, trazemos os dados obtidos por meio de uma entrevista realizada com um padre palotino que acompanhou o trabalho de Heise na época da realização das obras quando ainda era seminarista, ou seja, etapa anterior aos estudos para tornar-se padre.

Embasamo-nos em um cabedal de caráter bibliográfico, descritivo e analítico, com o intuito de analisar o processo criativo das esculturas religiosas denominadas pela piedade popular como Via Sacra. Em vista de tal procedimento, o aporte teórico orientou o olhar sobre os pressupostos da Crítica Genética e da Estilística. Por conseguinte, visamos estabelecer o percurso histórico preliminar com achados que testemunhem o caminho feito por Heise para a elaboração do seu método e a concepção de sua obra.

Aspectos teóricos

A inspiração inicial do percurso foi a disciplina “Construção textual: a estética do movimento criador”, ministrada pela Professora Doutora Edina Panichi. Por intermédio de pesquisas realizadas na matéria, percebemos que a criação artística é o absoluto movimento de construção e de maiêutica do Belo. No instante em que pensamos em arte ou criação artística, surge o enlevo que provoca no espírito a arte de todos os tempos, que traduz e materializa aquela fome primordial do homem pelo que é ordenado, harmonioso, encantador e provoca maravilhamento.

Neste texto, apresentamos a investigação e o registro de uma parte do movimento estético da criação dos quadros da Via Sacra, painéis harmoniosamente esculpidos e que retratam os momentos que antecedem a crucifixão de Jesus Cristo. Como nosso intento é averiguar o processo de construção em arte visual, devemos examinar os caminhos indicados pela Crítica Genética, campo teórico-metodológico que tem por objetivo reconstituir uma obra, seja ela um texto, uma pintura, uma escultura, buscando encontrar os segredos de sua construção, para entender o deleite que o enlevo contemplativo de uma arte de forte tom barroco impõe aos sentidos. Panichi (2016), sobre o “vir-a-ser” da obra de arte, ressalta:

A construção da obra de arte é uma questão intrigante, pois o caminho trilhado pelo artista é de natureza diversa. Observações, pesquisas, experiências vividas, anotações são alguns dos trajetos que a obra persegue até chegar ao público leitor (Panichi, 2016, p. 15).

Partimos da hipótese, então, de que os escritos bíblicos representam a circunstância de produção mais básica das esculturas de Heise, especialmente os painéis da Via Sacra. Nesse ângulo, os escritos simbolizam a fase pré-artística dos painéis esculpidos pelo artista, sua inspiração imediata e a materialização de uma espécie de “rascunhos” espirituais, ponto de partida do trajeto percorrido, até chegar à obra tida como concluída.

Análise da produção da quinta estação da Via Sacra: Simão Cirineu ajuda Jesus

Ao observarmos uma construção artística, somos convidados a indagações acerca do caminho trilhado pelo artista que, certamente cheio de desafios, não pode ser considerado um mero detalhe de crônica, mas um caminho/método de elaboração do processo criativo. Dessa forma, faremos uma análise para entender como se deu o jogo entre o texto e a arte, nas esculturas de Heise, numa transmutação da linguagem escrita para a linguagem artística.

Sobre o assunto, Panichi (2016) nos deixa em contato com uma das bases da Crítica Genética na medida em que propõe que o caminho para a construção da obra de arte é de natureza diversa, com percursos que a antecedem antes de ser entregue ao público. A autora afirma que, fundamentado na Crítica Genética, o texto começou a ser estudado como objeto estético, não estático, porém dinâmico. Isso se aplica à arte no geral e, no caso atual, em particular. Assim, o processo criativo oferece ao objeto artístico uma certa autonomia, permitindo ao artista manipular e transformar recursos.

Mergulhando no universo do processo criador, as camadas superpostas de uma mente em criação são reveladas e surpreendentemente compreendidas (Salles, 2006). O desafio está justamente na análise da transmutação de uma linguagem escrita àquela que está subentendida nas obras de Heise, escultor alemão que, sediado em São Paulo, daria início à sua obra em Londrina.

Em um de seus trabalhos, Panichi (2016) descreve como se deu o processo criador, por exemplo, em Pedro Nava, um notável memorialista da literatura brasileira. Nava trabalha com a coleta de dados e suas obras foram preparadas em uma fase de pré-texto em que ele valoriza todos os pequenos indícios que podem ser usados no texto final. O autor também aborda o ato de lembrar, que adquire um papel crucial se for documentado e sistematizado para que as memórias mais importantes não se percam. Do mesmo modo, cada registro bíblico dos últimos instantes de Jesus transforma-se em presságio de um possível ato criador nas esculturas de Heise:

Esses diferentes modos de revisitar a lembrança nos mostram que Nava entendia bem o fundamento da memória individual e utilizava conscientemente as possibilidades de manifestação da lembrança para causar um efeito literário (Panichi, 2016, p. 15).

Com base nos textos evangélicos que inspiram as estações da Via Sacra e nas esculturas produzidas por Heise, indagamos o caminho trilhado pelo artista para a concretização de suas ideias a partir do cinzel que materializou as intuições bíblicas da paixão de Jesus. Nessa direção, os textos bíblicos estão nas memórias afetivas e religiosas de quase todas as pessoas que vão ao templo. Naturalmente, ao ver um quadro da Via Sacra em uma igreja, elevamos o pensamento aos textos bíblicos da memória religiosa que acompanha a nossa mente, desde os tempos da infância.

Estaria o ato de esculpir, como o de escrever, sujeito ao serviço imaginativo e ao desfecho de uma lenta e minuciosa pesquisa? A princípio, a resposta seria sim. Não se pode pensar que uma obra artística tão imponente não tenha um processo de criação que reúna as características de obras sublimes antecederidas de uma maturada preparação, como argumenta Panichi:

Por meio do contato com arquivos de criação, apreende-se o sentido de deixar de operar apenas com a ideia de produto e adotar, permanentemente, a noção de processo. As soluções encontradas deverão pressupor a capacidade de integrar e, mais tarde, transferir para o devido uso, todos os elementos reunidos para a construção do projeto poético (Panichi, 2016, p. 19).

Outra problemática que merece ser abordada ou revisitada é a da elaboração do discurso textual da Via Sacra, essencialmente imagético e sensitivo. A tradição religiosa que está por trás da piedade popular da Via Sacra é muito antiga e influenciou o imaginário religioso do ocidente cristão.

No processo criador das chamadas estações da Via Sacra, que seria a sua divisão em cenas, existe um cenário original, Jerusalém, um lugar tido como santo pelos cristãos, “a cidade da Via Sacra histórica. Ela somente tem este trágico privilégio. Durante toda a Idade Média, o fascínio pelos lugares santos suscita o desejo de reproduzir-lhes na própria terra” (Chiara, 2023, [tela 3], tradução nossa)³.

Inspirado nos tempos bíblicos, Heise iniciou o seu caminho de produção

³ “La città della Via Crucis storica. Essa sola ha questo grande tragico privilegio. Lungo il Medioevo il fascino dei luoghi santi suscita il desiderio di riprodurli nella propria terra”.

artística da chamada Paixão de Cristo. Reproduzir os recortes do caminho de sofrimento de Jesus Cristo em diferentes meios artísticos é uma prática secular de muitos artistas e artesãos. Embora a Via Sacra reproduza uma parte da história tão distante, sua importância entre variados povos não diminuiu, ao contrário, na tradição católica, essa sequência de imagens sacras é reproduzida tal como Chiara (2023, [tela 3], tradução nossa) nos coloca:

Ao clima de piedade dolorosa para com o mistério da paixão deve-se acrescentar o entusiasmo dos cruzados que tinham o desejo de recuperar o santo sepulcro, o reflorescimento dos peregrinos a partir do século XII e a presença já estável dos frades franciscanos em 1233, nos lugares santos⁴.

Ademais, o caminho percorrido pela arte das Vias Sacras é longo e a história está aí para testemunhar. Se o cálculo contabiliza os textos bíblicos, nos ditos relatos da paixão, o salto no tempo regressivo é ainda maior. A própria escritura do Novo Testamento nasce do desejo de congelar no tempo a explicação da vida dos cristãos que narram os últimos momentos do Jesus histórico.

Não é de se admirar que a Bíblia seja a fonte última de inspiração das artes literárias, cênicas e materiais. O que se tem diante dos olhos são textos antiquíssimos que retratam o drama da existência de maneira original e, por vezes, fazendo releituras de tradições escriturísticas mais antigas:

A Bíblia como o grande código da cultura ocidental. Os escritores beberam por séculos desta enorme fonte e se espelharam no estilo e na composição dos escritos bíblicos. O leitor e o crítico literário devem ter uma grande familiaridade com a Bíblia se querem tornar compreensível alguns textos literários contemporâneos (Weren, 2001, p. 235, tradução nossa)⁵.

Nessa perspectiva, não se tem dúvidas de que a arte de Heise está totalmente inebriada de um evento bíblico que se respalda na fé. Entretanto, interessa ao leitor e ao pesquisador em Crítica Genética desvelar alguns fatos, ou seja, saber como se deu, pela experiência de Heise, essa passagem: a) quais os recursos técnicos e artísticos; b) como se deu a pré-concepção do material; e c)

⁴ “Al clima di pietà compassionevole verso il mistero della Passione si deve aggiungere l'entusiasmo sollevato dalle Crociate che proponevano di recuperare il Santo Sepolcro, il rifiorire dei pellegrinaggi a partire dal secolo XII e la presenza stabile, dal 1233, dei Frati minori francescani nei luoghi santi”.

⁵ “La Bibbia come il grande codice della cultura occidentale. Gli scrittori hanno attinto per secoli da questo enorme serbatoio e si sono rispecchiati nello stile e nella composizione degli scritti biblici. Il lettore e il critico letterario devono avere una familiarità totale con la Bibbia se vogliono rendere comprensibili alcuni testi letterari contemporanei”.

Heise teria reproduzido alguma obra do seu próprio acervo?

O tempo recorde de sua criação, segundo relatos de testemunhas, sugere uma habilidade já estabelecida:

A obra de arte foi em princípio sempre reproduzível reproduzir. Sempre foi possível imitar aquilo que foi feito por pessoas. Tal procedimento de copiar foi também realizado por estudantes como treino na arte, por mestres para a disseminação de suas obras e finalmente por terceiros cobiçosos (Benjamin, 2022, p. 54).

Como apresenta Benjamin (2022), a obra de arte é reproduzível. Nas narrativas da paixão de Cristo, nos escritos chamados evangelhos, está em potência a inspiração artística e contida toda a arte que viria depois. Na música, na poesia, no teatro, na pintura e na escultura, em modalidades de arte, em geral, é evidente a produção de materiais sobre tal temática. Com maior intensidade, ocorreu essa produção durante o movimento das Cruzadas, que não foi somente uma escalada violenta de cristãos para reintegrar a posse dos lugares santos, mas também um movimento cultural e político que influenciaria a cultura ocidental.

Heise trabalhava espontaneamente e, com habilidade, procurava ser prático para atender às demandas que a ele eram atribuídas. O depoimento de um padre palotino, Antônio Fiori, revela que produzir as obras na igreja Rainha dos Apóstolos em Londrina foi, para o artista, uma honra, dado que esses sacerdotes eram seus compatriotas. Conforme o entrevistado: “A habilidade de Heise era tamanha que ao ver, ou somente descrever o espaço a ser ornado, já pensava nas obras de arte e já começava a concretizar o que já estava gestado no seu pensamento”⁶.

Outra percepção a ser valorizada é a relevância da linguagem visual. É preciso pensar, por exemplo, no início da imigração em Londrina, e o desejo dos religiosos missionários da Alemanha, formados em escolas alemãs e portadores de alto nível de cultura, de oferecer a arte de Heise para o povo simples e trabalhador como uma perspectiva de desenvolvimento:

A linguagem visual em suas propostas teóricas ajuda no processo de aprendizado para o reconhecimento do ambiente onde as vivências, experiências e reações fazem parte dessa mediação. A todo instante informações visuais chegam até nós de forma direta ou indireta, para o desenvolvimento da interpretação individual ou coletiva (Toda, 2022, p. 185).

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de janeiro de 2023, no Seminário Palotino de Londrina.

Perante o exposto, a linguagem visual da arte sempre foi aliada na catequese e na evangelização do cristianismo. Este, por um tempo, ensinou pela e com a arte, e, em determinado período, foi praticamente o único meio de acesso cultural da população (Dufaur, 2023). Ao iniciar a ornamentação artística da igreja, obtivemos a informação de que Heise, inicialmente, montou o altar central: o crucificado, a mãe e o discípulo João, segundo o padre Fiori.

Conforme relatado, a Via Sacra é composta por estações, e, neste texto, escolhemos analisar a quinta estação dentre as quatorze que totalizam o conjunto. Após a concretização das esculturas do altar central, Heise inicia a etapa das esculturas que compõem a igreja e, dentre elas, as estações da Via Sacra. Na pedagogia artística, podemos dizer que o altar central está conectado às estações. Assim, o centro leva às estações e elas levam ao centro de maneira harmônica, em um sentido mistagógico, ou seja, o conjunto da obra leva à contemplação, como observa Ostrower (1998, p. 27):

Potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar, entender e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia.

Ostrower (1998) contribui para entendermos o recorte que Heise faz. Todavia, este autor não é original pela disposição dos quadros ou pela escolha dos temas. Na tradição católica, isso é dado como na imposição de um roteiro. À procura do original, vai-se em busca do traçado, do movimento no recorte na cena da estação.

Na quinta estação da Via Sacra, expressa no quinto painel, é possível ver como se dá a transmutação de linguagens. Na representação da cena, ao centro, está Jesus de Nazaré e um homem chamado Simão. O texto bíblico relata o acontecimento: “para carregar a sua cruz eles requisitaram um transeunte que vinha do campo, Simão de Cirene, Pai de Alexandre e de Rufo” (Bíblia, 2020, Mc 15, 21, p. 1958).

Do ponto de vista da Estilística, ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, a palavra cruz, no texto bíblico, é metafórica e se refere à saga de Jesus Cristo ou seu sacrifício e também representa o instrumento da sua

crucificação. Tanto é verdade que a cruz é o mais conhecido símbolo religioso do cristianismo e inclui uma imagem do corpo de Jesus. Segundo Lapa (1987), as palavras suscitam em nós as imagens das coisas a que se referem, mas cada um de nós, apreende na palavra, aquele aspecto que particularmente nos interessa. A palavra cruz, por exemplo, pode remeter à imagem física da cruz, mas também ao sofrimento, ao martírio, o que demonstra o seu poder evocador. Já o verbo requisitar, que pode significar requerer alguém de modo oficial, comprova que Simão foi forçado pelos soldados a carregar a cruz de Jesus em determinado ponto do caminho. No projeto artístico de Heise, esses detalhes do texto bíblico lhe permitem construir o seu próprio imaginário com base em tais estímulos, pois sabemos que se tratava de um homem profundamente religioso.

No centro do painel aparecem Jesus e a figura emblemática de Simão Cirineu. Ao fundo e no alto aparece uma autoridade religiosa com um semblante que evoca a maldade, o sarcasmo e a violência. Convém dizer que no texto original da Bíblia não se menciona esse chefe religioso junto a Cirineu. Essa figura, denominada fariseu, era uma personalidade muito importante nos tempos bíblicos do novo testamento. Segundo Manicardi (2018), os fariseus eram altivos e condenavam, espezinhavam e humilhavam os inocentes, representando um grupo que conflitava em alguns aspectos com os ensinamentos de Jesus. Essa representação faz parte do efeito que Heise tem em vista causar, completando a cena para torná-la mais impactante e surreal. Sabemos, por meio dos textos bíblicos, que quem acompanha o condenado são os soldados. Ademais, as lanças e as pontas de estandartes romanos ostentam a sigla SPQR (*Senatus Populusque Romanus*), que significa o *Senado e o Povo Romano*, símbolo do poder da República de Roma.

Portanto, o que vemos na escultura a partir da figura de Jesus e de Cireneu é fruto da imaginação criativa de Heise, completada por dois carrascos que seguram o madeiro em cada ponta, o que auxilia o condenado a não desfalecer, uma prática entre aqueles que acompanhavam o percurso do condenado ao sacrifício. A autoridade religiosa dos judeus é retratada com uma aparência arrogante, elevado sobre Jesus, consumido de chagas e tendo que ser ajudado para não desfalecer (Figura 1).

Figura 1 _ Simão Cirineu ajuda Jesus



Fonte: Acervo pessoal do autor (2023).

Salles (2006) apresenta diretivas que corroboram nossa compreensão sobre o estabelecido pela Crítica Genética. Isso quer dizer que existe uma atração mútua entre os elementos, uma espécie de ligação entre o ir e vir, e cada movimento está ligado a outro:

Um desenho, se visto isoladamente, perde seu valor heurístico, deixa de apontar para descobertas sobre o ato criador, ponto final. Todo documento, de modo geral, está inevitavelmente relacionado a outro e tem significado somente quando os nexos são estabelecidos (Salles, 2006, p. 117).

Heise valoriza os traços de seus personagens. Suas figuras surgem aos fragmentos, em blocos, obedecendo a um plano de desenvolvimento seguido em todos os quadros da Via Sacra, obras que servirão de apoio para ilustrar os eixos de análise que este trabalho cogita abordar e demonstrar: o movimento tradutório que se realiza na sua criação.

Na sua experiência com os manuscritos de Pedro Nava, Panichi (2016) faz observações pertinentes ao estudo da obra do autor, e cabe a nós intuímos como se dava o processo de armazenamento de dados utilizados por Heise, uma vez que

os rascunhos e desenhos de sua obra não foram localizados. Há um rascunho natural na escritura bíblica e isso seria um facilitador da etapa de pré-obra, pois tal registro estava na memória religiosa que o autor trazia consigo por ser católico e por vir de um país que, apesar do avanço do secularismo, mantinha visibilidade cristã entre católicos e luteranos. Assim, segundo Panichi (2016, p. 30): “Trazer de volta um conjunto de imagens significa produzir uma conjugação entre linguagem e pensamento, em uma atitude de recuperação”.

Tal proposta visual acontece na imaginação do autor ao acompanharmos o artista testando suas imagens. Para suas criações, Heise visitou memórias que se renovavam à medida que o quadro era esculpido, revelando que vida e memória estão reunidas naquela escultura e naquele jogo de perspectivas, luzes e imagens. Nesse jogo intersemiótico, Heise ativa a percepção do espectador e registra sensações de ordem diversa, fazendo-o visualizar as cenas por vários ângulos.

Em suas esculturas, o artista alemão incluiu detalhes pitorescos que chamam a atenção dos fiéis. As cenas parecem divididas em distintas perspectivas, surgindo, em primeiro plano, uma justaposição de informações que assumem as devidas proporções nas passagens que compõem o pano de fundo. Por consequência, os quadros da Via Sacra ilustram, eficazmente, o eixo da tradução intersemiótica, em que o texto verbal é transmutado em estímulos visuais, atendendo ao desejo do autor.

Nessa perspectiva, analisamos um dos painéis que compõem a Via Sacra e demonstramos a aplicabilidade da Crítica Genética e da Estilística à questão do processo criador que antecede uma obra de arte que, diferente de um texto, materializa-se na matéria-prima, antes bruta e sem forma. Heise não deixou desenhos e esboços que pudessem ser analisados. A Matriz Paroquial Cristo Rei do Tatuapé, em São Paulo, que também teve a Via Sacra e as imagens que a decoram esculpidas pelo artista alemão, não tem em seu acervo nenhum material arquivado, assim como a Paróquia Rainha dos Apóstolos, em Londrina.

Nossas análises, portanto, tem como pressuposto que o conteúdo expressivo da criação está incorporado na visão do artista. Ela é que tornará válida a gama de significados que o autor confere à obra. Heise imprimiu à sua arte a realidade de sua cultura, retratando-a da forma mais expressiva que pôde conceber, baseando suas

criações em passagens bíblicas. As linguagens visual e verbal aparecem entrelaçadas nas passagens da Via Sacra, numa tecelagem de códigos compartilhada pelos espectadores, tendo em vista a força das imagens aí sugeridas. O artista nos mostra que vida e memória estão presentes naquela cena e naquele jogo de perspectivas que buscam dar conta de traduzir o seu pensamento.

Considerações Finais

A análise do texto bíblico nos fornece argumentos a favor da viabilidade deste artigo, ou seja, a transmutação de formas. Intentamos demonstrar a aplicabilidade da Crítica Genética e da Estilística à questão do processo criador que antecede uma obra de arte. Divergente de um texto, ela se materializa na matéria-prima antes bruta e sem forma.

Temos que ponderar, em relação à transmutação, que o texto bíblico não nos fornece tudo o que está expresso no quadro artístico. É possível considerarmos elementos paralelos incorporados por Heise, que passam a formar harmonicamente a finalização artística por ele apresentada.

No quadro analisado, por exemplo, há uma lança com a sigla do Império Romano. Elas não são consideradas no texto bíblico, mas são claramente subentendidas, já que, pela história, sabemos que a Palestina estava sob o domínio dos romanos e as execuções capitais cabiam a eles. O próprio texto bíblico registra a questão: “Então Pilatos disse: Levem-no daqui e julguem-no segundo a lei de vocês. Ao que os judeus responderam: Não nos é lícito matar ninguém” (Bíblia, 2020, Jo 18, 31-32, p. 2086).

Concluimos que Heise constrói suas esculturas agregando elementos que estão além do texto bíblico, alguns porventura ligeiramente supostos, que nascem nessa composição a partir da vasta cultura do escultor, haja vista a magnitude de sua arte.

Por fim, a pesquisa visa contribuir com a formação de um acervo de análise do patrimônio histórico de Londrina, pois uma comunidade não pode resistir sem o resgate de suas memórias e sem um desdobrar-se sobre sua própria história, percebendo como foi lapidada e de que modo isso influencia as pessoas espiritual e

esteticamente.

Referências

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Tradução de Gabriel Valladão. Porto Alegre: L&PM, 2022.
- CHIARA, A. La storia della via crucis. Famiglia cristiana, Alba, 29 mar. 2023. Disponível em: <https://www.famigliacristiana.it/articolo/storia-della-via-crucis-una-pratica-religiosa-ch-e-attraversa-i-secoli.aspx>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- DUFAUR, L. A Via Sacra da Paixão de Jesus, uma devoção muito medieval. Idade Média: Glória da Idade Média, [s. l.], 3 mar. 2023. Disponível em: <https://gloriadaidademediia.blogspot.com/2018/03/devocao-muito-medieval-via-sacra.html?m=1>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- EVANGELHO segundo João. In: BÍBLIA TEB: notas integrais. Tradução ecumênica. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020a. p. 2037-2094. (Coleção de livros da literatura Judaica e Cristã).
- EVANGELHO segundo Marcos. In: BÍBLIA TEB: notas integrais. Tradução ecumênica. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020b. p. 1919-1960. (Coleção de livros da literatura Judaica e Cristã).
- LAPA, M. R. Estilística da língua portuguesa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MANICARDI, L. Comentário à liturgia dominical e festiva: ano C. São Paulo: Paulinas, 2018.
- OSTROWER, F. Acasos e criação artística. 2. ed. Rio Janeiro: Elsevier, 1998.
- PANICHI, E. R. P. Processos de construção de formas na criação: o projeto poético de Pedro Nava. Londrina: Eduel, 2016.
- SALLES, C. A. Redes da criação: construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.
- TODA, E. S. A arte sacra universal: a percepção do sensível na imagem de Nossa Senhora Aparecida. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 184-205, dez. 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15124>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- WEREN, W. Finestre su Gesù: metodologia dell'esegesi dei Vangeli. Traduzione Thomas Soggin. 2. ed. Torino: Claudiana, 2001.

SILVA, B. A. N.; PANICHI, E. R. P.
Circunstâncias bíblicas de produção da “Via-Sacra” da igreja Rainha dos Apóstolos em Londrina: uma
abordagem genético-estilística

Recebido em: 04 abr. 2024.
Aprovado em: 02 maio. 2024.
Publicado em: 30 jun. 2024.

Revisora de língua portuguesa Carla Giovana de Campos
Revisora de língua inglesa: Gabrieli Rombaldi
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

